

Wendell Luiz Linhares
(Organizador)



Educação Física e Áreas de Estudo do Movimento Humano 2

Wendell Luiz Linhares
(Organizador)



Educação Física e Áreas de Estudo do Movimento Humano 2

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 Educação física e áreas de estudo do movimento humano 2 [recurso eletrônico] / Organizador Wendell Luiz Linhares. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020.

Formato: PDF.

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-959-2

DOI 10.22533/at.ed.592202301

1. Educação física – Pesquisa – Brasil. I. Linhares, Wendell Luiz.

CDD 613.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Educação Física, enquanto um campo em intervenção, demonstra a partir de suas diversas ramificações, um grande desafio para o profissional da área que tenta compreendê-la. Visando contribuir nesse processo, o e-book “Educação Física e Áreas de Estudo do Movimento Humano 2” configura-se como uma alternativa, a qual, é uma produção composta por 8 artigos científicos, subdivididos por dois eixos temáticos distintos, entretanto, interdependentes. No primeiro intitulado “Educação, História e Práticas Corporais” é possível encontrar estudos que apresentam desde aspectos históricos do esporte, perpassando por práticas inclusivas e motivacionais na Educação Física. No segundo eixo intitulado “Educação física Escolar e seus Documentos Norteadores”, é possível verificar estudos que abordam e discutem a partir dos documentos (Diretrizes Curriculares Nacionais, Base Nacional Comum Curricular e Plano Nacional da Educação) aspectos relacionados a formação e a carreira do docente em Educação Física, bem como, a inclusão de estudantes com necessidades educacionais especiais no contexto escolar. O presente e-book reúne autores de diversos locais do Brasil, os quais, abordam assuntos relevantes e de grande contribuição no que se refere a discussão dos temas citados anteriormente.

Portanto, é com entusiasmo e expectativa que desejo a todos uma boa leitura.

Wendell Luiz Linhares

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A INFLUÊNCIA DOS ESPORTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Luciano Barreto Lima	
DOI 10.22533/at.ed.5922023011	
CAPÍTULO 2	16
HISTÓRIA E SIMBOLOGIA DOS JOGOS OLÍMPICOS	
Juvenal dos Santos Borges	
Roberto Carlos da Costa Belini	
DOI 10.22533/at.ed.5922023012	
CAPÍTULO 3	22
O IMPACTO DO ESTILO MOTIVACIONAL DOCENTE NA PRÁTICA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	
Monique Marques Longo	
Amanda Mendonça Soares Reis	
Ana Paula da Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5922023013	
CAPÍTULO 4	34
PERCENTUAL DE GORDURA E RESISTÊNCIA CARDIORRESPIRATÓRIA EM CRIANÇAS	
Jonatha Danilo Silva de Oliveira	
Rafaela Guilherme	
Ademir Testa Junior	
DOI 10.22533/at.ed.5922023014	
CAPÍTULO 5	47
TAKKYU VOLLEY UMA NOVA PROPOSTA INCLUSIVA	
Thalita Cassetari Campos	
José Irineu Gorla	
Simone Thiemi Kishimoto	
DOI 10.22533/at.ed.5922023015	
CAPÍTULO 6	58
DE FERNANDO DE AZEVEDO ÀS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL	
Michelle Ferreira de Oliveira	
Tadeu João Ribeiro Baptista	
DOI 10.22533/at.ed.5922023016	
CAPÍTULO 7	81
O QUE INDICAA PROPOSTA PARA BASE NACIONAL COMUM DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA COM RELAÇÃO À INCLUSÃO ESCOLAR DE ESTUDANTES COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS	
Cassia Cristina Bordini Pirolo	
Celia Regina Vitaliano	
Nilton Munhoz Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.5922023017	

CAPÍTULO 8	93
PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO 2014-2024: EDUCAÇÃO FÍSICA, FORMAÇÃO E CARREIRA DOCENTE EM QUESTÃO	
<i>Carolini Aparecida Oliveira Campanholi</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5922023018	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	106
ÍNDICE REMISSIVO	107

conhecimento dos grupos considerados marginalizados em uma perspectiva de reconhecimento, valorização e enriquecimento cultural.

A PESQUISA... COMO O ESTILO MOTIVACIONAL DOCENTE IMPACTA A APRENDIZAGEM?

Para compreender os estilos motivacionais dos seis professores, foi utilizado o questionário “Problemas na escola,” elaborado por Deci et al (1981) e adaptado e validado no Brasil por Bzuneck e Guimaraes (2007). O instrumento contém oito histórias que relacionam problemas do cotidiano na escola, e outros ambientes, entre crianças e adultos. Para cada história, o professor assinala o seu grau de concordância (em escala likert de sete pontos), que vai do “muito improprio” até “bastante apropriado” para cada uma das quatro soluções apresentadas em cada questão.

Para inferirmos o grau de motivação dos 24 alunos durante as aulas dos professores entrevistados utilizamos o questionário elaborado por Kobal (1996). Este é composto por trinta e duas questões, sendo dezesseis itens referentes à motivação intrínseca e dezesseis referentes à motivação extrínseca. Dentro desses dezesseis itens, estes estão subdivididos em três questões tanto da intrínseca quanto da extrínseca. Cada afirmação foi respondida por meio de uma escala *likert* com cinco alternativas: 1- discordo muito; 2- discordo; 3- estou em dúvida; 4-concordo; 5- concordo muito.

ESTILO/ PROFESSOR	Altamente controlador	Moderadament e controlador	Moderadament e promotor da autonomia	Alta promotor autonomia	Característica Dominante
Prof.1	1	1	2	4	(+) altamente Promotor de autonomia
Prof.2	0	1	3	4	(+) altamente promotor de autonomia
Prof.3	0	0	6	2	(+) moderadamente promotor de autonomia
Prof.4	0	0	1	7	(+) altamente promotor de autonomia
Prof.5	0	1	5	2	(+) moderadamente promotor de autonomia

Prof.6	0	1	3	4	(+) altamente promotor de autonomia
--------	---	---	---	---	--

A tabela 1 apresenta a análise das respostas apresentadas pelos professores.

Observando as respostas apresentadas pelos professores inferimos que no geral todos apresentavam uma tendência à responder as situações problemas de uma maneira mais promotora de autonomia. Acreditamos que tal fato se deve à determinadas características inerentes à prática das aulas de educação física, como corrobora Kobal (1996) quando postula que

o prazer com a conotação de satisfação, alegria, contentamento, divertimento, é uma questão fundamental para a aprendizagem em aulas de Educação Física. O discurso e a expressão corporal dos alunos têm mostrado sua importância, pois é um sentimento que vivenciado com intensidade, não se torna efêmero, mas permanece. Consequentemente a aprendizagem, quando realizada de forma prazerosa, também se internaliza. (KOBAL, 1996.P.101)

Os dados por nós construídos assemelham-se ao estudo apresentado por Machado et al (2012) quando utilizou também o questionário de Kobal com estudantes do ensino médio. A maioria dos alunos que respondeu ao questionário deram respostas características da motivação intrínseca durante aulas de educação física proferidas por professores que apresentaram estilos motivacionais mais autônomos. Tal fato nos faz pensar em uma característica dominante nas aulas de educação física onde são, na sua maioria, lecionadas, em locais abertos, fora da sala de aula, por meio de atividades onde os alunos não se mantêm sentados e imóveis em salas de aula, utilizando-se de jogos de movimentos sensórios e motores que favorecem a promoção de hormônios geradores da sensação de prazer.

Analisando a tabela de dados docentes, observamos que o professor 1 apresentou algumas respostas tendendo ao controle em excesso ou moderadamente controladoras durante as situações-problemas propostas pelo questionário. Os professores 2, 5 e 6 expuseram respostas moderadamente controladoras em determinados casos diferente do professor 4 que apresentou características mais autônomas em 7 dos 8 casos propostos. Pressupomos a partir dos dados, que o professor 7 apresentaria aulas mais motivadoras intrinsecamente aos alunos. Visando compreender a veracidade da nossa hipótese cruzamos as informações fornecidas pelos alunos destes professores buscando compreender a relação entre o estilo motivacional docente com o grau de motivação dos alunos durante as aulas.

Ao interrelacionarmos estes dados percebemos a presença de características de motivações extrínsecas fomentadas durante as aulas de educação física nos

professores 1, 3 como fato e motivos das suas presenças em aula. Notas, chamada, e impossibilidade de não estar presentes apareceram como motivos à ida à aula.

Um fator extrínseco que apareceu em grande parte dos questionários discentes e em todos os grupos de alunos de cada um dos seis professores residiu das relações interpessoais favorecidas pelo tipo de aula característico da Educação Física. A possibilidade de relacionar-se sensorialmente com os amigos, inserir-se em atividade socializadoras, a emergência de estímulos emocionais e a criação de vínculos durante as atividades propostas mostraram-se fatores relevante à motivação em participar das aulas. Tais fatos corroboram pressupostos apresentados por Minelli *et al* (2010) quando ressalta que

há um maior engajamento e persistência na tarefa quando os alunos realizam atividades em grupos e dependem uns dos outros para cumprir os objetivos propostos. o ambiente cooperativo também aumenta a afetividade entre as pessoas, alimentando a sua necessidade de estabelecer vínculos pessoais (minelli *et al*, 2010. p. 603)

90% das respostas apresentadas pelos estudantes nas duas questões relativas à motivação intrínseca afirmaram-se concordantes, ou seja, com um caráter motivacional intrínseco. Inferimos, portanto, que os alunos sentem prazer nas aulas, gostam de atividade física, reconhecem a importância do estudo dos conteúdos da disciplina e também sentem prazer ao movimentar o corpo e assimilar os conteúdos relativos aos jogos, esportes, lutas e danças propostos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS....

Ficou claro, que o tipo de motivação interfere na forma como os estudantes se apresentam e se inserem nas atividades propostas durante as aulas de educação física, o que favorece a assimilação de novos conteúdos e o desenvolvimento de certas habilidades. Conceber o estilo motivacional docente possibilita criarmos estratégias de promoção da motivação intrínseca favorecida entre muitos fatores, sobretudo, pela possibilidade de vínculo entre alunos e entre eles e o professor, a possibilidade de externar suas emoções, mostrarem-se autônomos na resolução dos problemas surgidos durante as atividades e sentirem-se seguros e aptos a executarem as tarefas propostas. Os dados aqui expostos de forma resumida, mostraram-se relevantes para pensarmos novos fatores que atravessam a formação docente em educação física e sobretudo a importância de se desenvolver e fomentar a autonomia como estilo docente que favoreça a motivação por parte dos alunos.

REFERÊNCIAS

- BALBINOTTI, M. A. A; CAPOZZOLI, C. J.. Motivação à prática regular de atividade física: um estudo exploratório com praticantes em academias de ginástica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 22, n. 1, p. 63-80, 2008.
- BARBOSA, M L. Autodeterminação no esporte: o modelo dialético da motivação intrínseca e extrínseca.. 2011.Porto alegre Tese (doutorado). Universidade federal do rio grande do sul, **Escola de educação física, programa de pós graduação em ciências do movimento humano**, porto alegre, br-rs, 2011
- CANDAU, V. M. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. In: CANDAU, M. (Org) **Didática crítica intercultural, aproximações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. Cap. 3, p. 81-106.
- _____. Educação intercultural: entre afirmações e desafios. In: MOREIRA, A. F; CANDAU, V. M. (Org.) **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Cap. 1, p. 23-41.
- DECI, E.L. e RYAN, RM. Intrinsic motivation and self-determination in human behavior. **New York and London: Plenum**, 86, 1985
- DECI, E L. et al. An instrument to assess adults' orientations toward control versus autonomy with children: Reflections on intrinsic motivation and perceived competence. **Journal of educational Psychology**, v. 73, n. 5, p. 642, 1981.
- FRANCHIN, F; BARRETO, S.M G. Motivação nas aulas de educação física: um enfoque no ensino médio. **I Seminário de Estudos em Educação Física Escolar**, v. 2012, p. 1-33, 2006.
- GUIMARÃES, S E; BZUNECK, J A; BORUCHOVITCH, E. Estilos motivacionais de professores: propriedades psicométricas de um instrumento de avaliação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 19, n. 1, p. 17-24, 2003.
- GUIMARAES, S É R BORUCHOVITCH, E. O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da Teoria da Autodeterminação. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre , v. 17, n. 2, p. 143-150, 2004
- GUIMARÃES, S. E. R. O estilo motivacional de professores: um estudo exploratório. **28ª reunião da ANPED, Caxambu. Anais do 28ª reunião da ANPED**, p. 1-15, 2005.
- KOBAL, M.C. Motivação intrínseca e extrínseca nas aulas de educação física. Dissertação (Mestrado em Educação Física), **Campinas, UNICAMP**, 1996.
- MINELLI, D S et al. O estilo motivacional de professores de Educação Física. **Motriz: rev. educ. fis. (Online)**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 598-609, 2010
- MATO, D. Diferenças culturais, interculturalidade e inclusão na produção de conhecimento e práticas socioeducativas. In: CANDAU, V. M. (Org). **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009, p. 74-93.
- NEIRA, M. G. **Educação Física**, São Paulo: Blucher, 2011.
- _____. O currículo cultural da Educação Física: uma resposta aos dilemas da contemporaneidade. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 276 – 304, maio/ago. 2015.
- _____. O currículo da Educação Física: por uma pedagogia da (s) diferença (s). In: NEIRA, M. G; NUNES, M. L. F. **Educação Física cultural: por uma pedagogia da (s) diferença (s)**. Curitiba: CRV, 2016.

NEIRA, M. G; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da Cultura Corporal – Crítica e alternativas**. São Paulo: Phorte, 2006.

_____. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

OLIVEIRA, R. C; DAÓLIO, J. Educação intercultural e Educação Física escolar: possibilidades de encontro. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n.2, p. 1-11, mai/ago. 2011.

RANGEL *et al.* Educação Física Escolar e multiculturalismo: possibilidades pedagógicas. **Motriz**, Rio Claro, v.14 n.2 p.156-167, abr./jun. 2008.

REEVE, J; BOLT, E CAI, Yi. Autonomy-supportive teachers: How they teach and motivate students. **Journal of Educational Psychology**, v. 91, n. 3, p. 537, 1999.

SAMULSKI, D. Psicologia do esporte: Manual para a educação física, psicologia e fisioterapia. **Barueri: Manole**, 2002

PERCENTUAL DE GORDURA E RESISTÊNCIA CARDIORRESPIRATÓRIA EM CRIANÇAS

Data de aceite: 06/01/2020

Jonatha Danilo Silva de Oliveira

Faculdades Integradas de Jaú
Jaú – São Paulo

Rafaela Guilherme

Faculdades Integradas de Jaú
Jaú – São Paulo

Ademir Testa Junior

Faculdades Integradas de Jaú
Jaú – São Paulo

<http://lattes.cnpq.br/0929013490436064>

RESUMO: Introdução: Com o avanço tecnológico, o sedentarismo aumentou, por facilitar inúmeras tarefas cotidianas, servindo também para momentos de lazer. Junto ao sedentarismo, ou seja, sem a prática de atividade física regular, ocorre o acúmulo de gordura corporal, que pode favorecer o desenvolvimento de doenças crônicas e degenerativas. Nesse cenário, a prática regular de atividade física é ótima ferramenta para melhorar a aptidão física e manter um estilo de vida saudável. Objetivo: Este estudo almejou identificar o nível de percentual de gordura e resistência cardiorrespiratória em crianças. Materiais e Métodos: Foram aplicados os

testes: IPAQ, teste de corrida e caminhada (PROESP) e o protocolo de Slaughter em 25 crianças de uma escola municipal de Bocaina/SP. Resultados: No questionário os indivíduos foram classificados em sua maioria como irregularmente ativos. Na avaliação de resistência, a classificação que mais se destacou foi de fraco e muito bom. Já na avaliação de percentual de gordura, os participantes foram, em sua maioria, classificados como adequados. Além disso, foi encontrada correlação moderada e negativa ($p < 0,05$ e $R = -0,629$) entre percentual de gordura e resistência aeróbia. Conclusão: Os indivíduos são, predominantemente, irregularmente ativos, com percentual de gordura adequado para a idade e resistência entre fraco e muito bom. De maneira moderada, quanto maior a resistência aeróbia, menor será o percentual de gordura.

PALAVRAS-CHAVE: Percentual de Gordura; Resistência cardiorrespiratória; Crianças; Saúde.

ABSTRACT: Introduction: With technological advancement, physical inactivity increased, facilitating countless daily tasks, also serving for leisure time. Along with physical inactivity, that is, without the practice of regular physical

activity, occurs the accumulation of body fat, which may favor the development of chronic and degenerative diseases. In this scenario, regular physical activity is a great tool for improving physical fitness and maintaining a healthy lifestyle. Objective: This study aimed to identify the level of fat percentage and aerobic capacity in children. Materials and Methods: The following tests were applied: IPAQ, running and walking test (PROESP) and Slaughter protocol in 25 children from a municipal school in Bocaina / SP. Results: Most individuals were classified as irregularly active in the questionnaire. In the resistance assessment, the rating that stood out was weak and very good. In the assessment of fat percentage, the participants were mostly classified as adequate. In addition, a moderate and negative correlation ($p < 0.05$ and $R = -0.629$) was found between fat percentage and aerobic resistance. Conclusion: The individuals are predominantly irregularly active, with age-appropriate fat percentage and resistance between weak and very good. Moderately, the higher the aerobic endurance, the lower the fat percentage.

KEYWORDS: Fat percentage; Aerobic capacity; Children; Health.

1 | INTRODUÇÃO

O avanço tecnológico, facilita e muito as atividades pessoais, no trabalho, com estudos, nos momentos de lazer etc., estimulando o crescimento ao sedentarismo, pois o interesse é grande ao executar a maioria dessas tarefas que são cotidianas (TESTA JR et al., 2017).

Atualmente, a obesidade infantil destaca-se como grave problema de saúde pública, com início em idades cada vez mais precoces (SILVA; LACÓRDIA, 2016).

Durante a fase de crianças e adolescentes, ganham massa corporal, mas os que utilizam diariamente a tecnologia, tendem a ter aumento gradativo de massa de gordura, pelo fato de não se exercitarem o suficiente (RONQUE et al., 2007).

A inaptidão física e o sedentarismo, são fatores que também geram doenças crônicas que mais atingem a população (TESTA JR et al., 2017).

Os estudos epidemiológicos sobre a obesidade e o sedentarismo devem ser realizados em locais distintos, a fim de possibilitar o conhecimento sobre o grupo e, a partir dele, a elaboração de estratégias interventivas adequadas no combate à obesidade (TESTA JUNIOR, 2017).

É associado ao comportamento sedentário, a elevação de percentual de gordura corporal ou obesidade, e há prevalência em crianças e adolescentes classificados como, sedentários e irregularmente ativos (TESTA JR et al., 2017).

Um estilo de vida saudável está ligado a uma vida longe do sedentarismo e também a outros fatores, como uma boa alimentação e um sono adequado, por exemplo (SILVA; LACÓRDIA, 2016).

Com uma prática regular de atividades físicas, os benefícios para uma boa

aptidão física são inúmeros. Relacionada diretamente ao bem-estar. Desempenho satisfatório durante o esforço físico, tarda a fadiga excessiva, melhora capacidades neuromotoras, tendo ligação direta a um estilo de vida mais ativa (TESTA JR et al., 2017).

Sendo um fenômeno que vem atingindo uma grande parte de crianças e adolescentes, variando diversos transtornos a saúde, isso chama a atenção dos profissionais da área e pesquisadores (RONQUE et al., 2007).

O que tem chamado a atenção, sobretudo, dos pesquisadores e profissionais das áreas de saúde, é que esse fenômeno atinge um contingente cada vez maior de crianças e adolescentes, podendo gerar diversos transtornos a saúde, em idades precoces (RONQUE et al., 2007).

Segundo Souza et al. (2011; p. 1460) a promoção de hábitos saudáveis em crianças e adolescentes possui relevância estratégica e deve ser encarada como prioridade por todos os setores sociais. Por congrega a maioria das crianças e adolescentes de um país, a escola representa um espaço privilegiado para o desenvolvimento dessas ações.

Sabe-se que: a atividade física regular, quando bem orientada, pode ajudar na prevenção e tratamento de inúmeras doenças, trazendo bem-estar para quem a pratica, melhorando fatores sociais e psicológicos (SILVA; LACÓRDIA, 2016).

Nesse contexto, o estudo objetivou verificar o nível do percentual de gordura e da resistência cardiorrespiratória em crianças, assim como a correlação entre as duas variáveis.

2 | MÉTODO

O presente estudo foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa através da plataforma Brasil sob o CAAE: 57279816.2.0000.5430.

2.1 Sujeitos de Pesquisa

Participaram da pesquisa 25 escolares, com idades de 08 a 12 anos. A escolha dos participantes ocorreu através de convite, o qual poderiam aceitá-lo ou não. Para participar da pesquisa, os escolares deveriam apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, devidamente assinado pelos escolares e pelos seus respectivos responsáveis legais. Os participantes também deveriam participar de todas as atividades propostas ao longo do processo de pesquisa para que os resultados produzidos pelo mesmo, fossem considerados no presente estudo.

2.2 Instrumentos de coleta de dados

2.2.1 *International Physical Activity Questionnaire (IPAQ) – versão curta*

O IPAQ, Questionário Internacional de Atividade Física, fundamenta-se no estudo de Matsudo et al. (2001), e é destinado à mensuração do nível de prática de atividade física das pessoas, classificando-os em: muito ativo; ativo, irregularmente ativo e sedentário. O IPAQ apresenta-se em duas versões: a curta e a longa. Para o presente estudo, elegeu-se a versão curta; por tratar-se de um estudo com escolares sendo essa mais simples, para que todos pudessem responder as questões de maneira fidedigna. Os participantes foram orientados a considerarem apenas as atividades físicas realizadas fora do ambiente escolar ao responderem o IPAQ. As respostas dos participantes para as questões do IPAQ foram avaliadas segundo o instrumento para classificação do nível de atividade física.

2.2.2 *Teste de resistência cardiorrespiratória (corrida/caminhada de 6 minutos)*

O teste foi aplicado em local plano com marcação do perímetro da pista. Para a realização do teste foram necessários: cronômetro e ficha de registro. Os alunos foram divididos em grupos adequados às dimensões da pista. Informamos os alunos sobre a execução do teste, dando ênfase ao fato de que deveriam correr o maior tempo possível, evitando piques de velocidade intercalados por longas caminhadas. Durante o teste, informou-se ao aluno a passagem do tempo 2, 4 e 5 (“Atenção: falta 1 minuto”). Ao final do teste foi emitido um sinal (apito) sendo que os alunos deveriam interromper a corrida, permanecendo no lugar onde estavam (no momento do apito), até ser anotada ou sinalizada a distância percorrida. O resultado foi a maior distância possível percorrida por cada participante, anotado em metros e classificado seguindo os valores de referência para o teste.



Figura 1 – Teste de corrida/caminhada de 6 minutos

Fonte: Os autores (2019)

Sexo	Idade	Fraco	Razoável	Bom	M.Bom	Excelência
MASCULINO	6	< 690	691 a 740	741 a 780	781 a 878	> 878
	7	< 735	735 a 785	786 a 824	825 a 923	> 923
	8	< 773	773 a 825	826 a 878	879 a 1009	> 1009
	9	< 845	845 a 899	900 a 965	966 a 1096	> 1096
	10	< 880	880 a 941	942 a 1009	1010 a 1157	> 1157
	11	< 915	915 a 977	978 a 1049	1050 a 1189	> 1189
	12	< 965	965 a 1029	1030 a 1109	1100 a 1254	> 1254
	13	< 983	983 a 1082	1083 a 1158	1159 a 1319	> 1319
	14	< 1068	1068 a 1134	1135 a 1209	1210 a 1371	> 1371
	15	< 1120	1120 a 1186	1187 a 1261	1262 a 1434	> 1434
	16	< 1150	1150 a 1219	1220 a 1288	1289 a 1504	> 1504
	17	< 1156	1156 a 1219	1220 a 1288	1289 a 1505	> 1505

Figura 2 – Valores de referência para meninos o teste de corrida/caminhada de 6 minutos

Fonte: Gaya et al. (2016)

Sexo	Idade	Fraco	Razoável	Bom	M.Bom	Excelência
FEMININO	6	< 612	612 a 640	641 a 680	681 a 831	> 831
	7	< 652	652 a 682	683 a 729	730 a 852	> 852
	8	< 700	700 a 734	735 a 777	778 a 875	> 875
	9	< 750	750 a 789	790 a 840	841 a 966	> 966
	10	< 783	783 a 831	832 a 883	884 a 1027	> 1027
	11	< 822	822 a 867	868 a 919	920 a 1043	> 1043
	12	< 855	855 a 900	901 a 957	958 a 1081	> 1081
	13	< 887	887 a 934	935 a 996	997 a 1129	> 1129
	14	< 920	920 a 966	967 a 1023	1024 a 1164	> 1164
	15	< 955	955 a 999	1000 a 1043	1044 a 1204	> 1204
	16	< 970	970 a 1009	1010 a 1054	1055 a 1205	> 1205
	17	< 982	982 a 1022	1023 a 1062	1063 a 1206	> 1206

Figura 3 – Valores de referência para meninas no teste de corrida/caminhada de 6 minutos

Fonte: Gaya et al. (2016)

2.2.3 Protocolo de Slaughter - Avaliação do percentual de gordura

O protocolo de Slaughter (CHARRO et al., 2010) tem a finalidade de mensurar o percentual de gordura de jovens de 8 a 17 anos de idade. A escolha desse protocolo está justificada pelo fato das aferições serem feitas no ambiente escolar, de forma que as medidas do protocolo não requerem que os escolares exponham o corpo.

O protocolo utiliza apenas duas dobras cutâneas: a tricipital e a subescapular. A dobra tricipital (TR) foi aferida de forma longitudinal, na parte posterior do braço, entre o ponto acromial e o olecrano. E a dobra de panturrilha média foi aferida de forma longitudinal, com o indivíduo sentado e o joelho flexionado a 90° (noventa graus), na altura da maior protuberância lateral da panturrilha (CHARRO, et al., 2010).



Figura 4 – Aferição das dobras tricipital e panturrilha média

Fonte: Os autores (2019)

As aferições foram realizadas com adipômetro científico, da marca OPUS Max, cuja leitura é apresentada em milímetros e décimos de milímetros. Para o cálculo do percentual de gordura dos escolares do sexo masculino realizar-se-á a equação: $\%GC = 0,735 (TR+PM) + 1,0$. E para os escolares do sexo feminino, a equação: $\%GC = 0,610 (TR+PM) + 5,1$.

Para a classificação do percentual de gordura foi utilizado o quadro adaptado de Deurenberg, Pieters e Hautvast (1990).

Sexo	Classificação					
	Exc. Baixo	Baixo	Adeq.	Mod. alto	Alto	Exc. alto
Masc.	Até 6%	6,01 a 10%	10,01 a 20%	20,01 a 25%	25,01 a 31%	> 31%
Fem.	Até 12%	12,01 a 15%	15,01 a 25%	25,01 a 30%	30,01 a 36%	> 36%

Quadro 2 - Classificação da porcentagem de gordura corporal adaptada de Deurenberg, Pieters e Hautvast (1990)

Masc. – masculino, Fem. – feminino, Exc. – excessivamente, Adeq. – adequado, % - percentual, > - acima de

Fonte: Do Amarante, Sirino e Minuzzi (2011)

2.3 Análise da coleta de dados

Para a análise estatística, foi utilizado o software IBM SPSS Statistics 22. Inicialmente, foi analisada a normalidade dos dados através do teste de Shapiro-Wilk. Logo, foi aplicada a estatística descritiva, de forma que os dados foram apresentados em média e desvio padrão para as variáveis de percentual de gordura e resistência cardiorrespiratória. Além disso, as variáveis da aptidão física foram classificadas segundo o protocolo de Gaya et al. (2016), cujos dados foram apresentados em percentuais por classificação de cada teste. Em adição foi aplicado o teste de Pearson para verificar a existência e a força da correlação entre a resistência cardiorrespiratória e o percentual de gordura. O nível de significância adotado foi de $p > 0,05$.

3 | RESULTADOS

3.1 Nível da prática de atividade física

No gráfico 1 pode-se observar que não foram encontradas crianças sedentárias no grupo avaliado, 52% foram considerados irregularmente ativos, 32% foram classificados como ativos e 16% muito ativos.

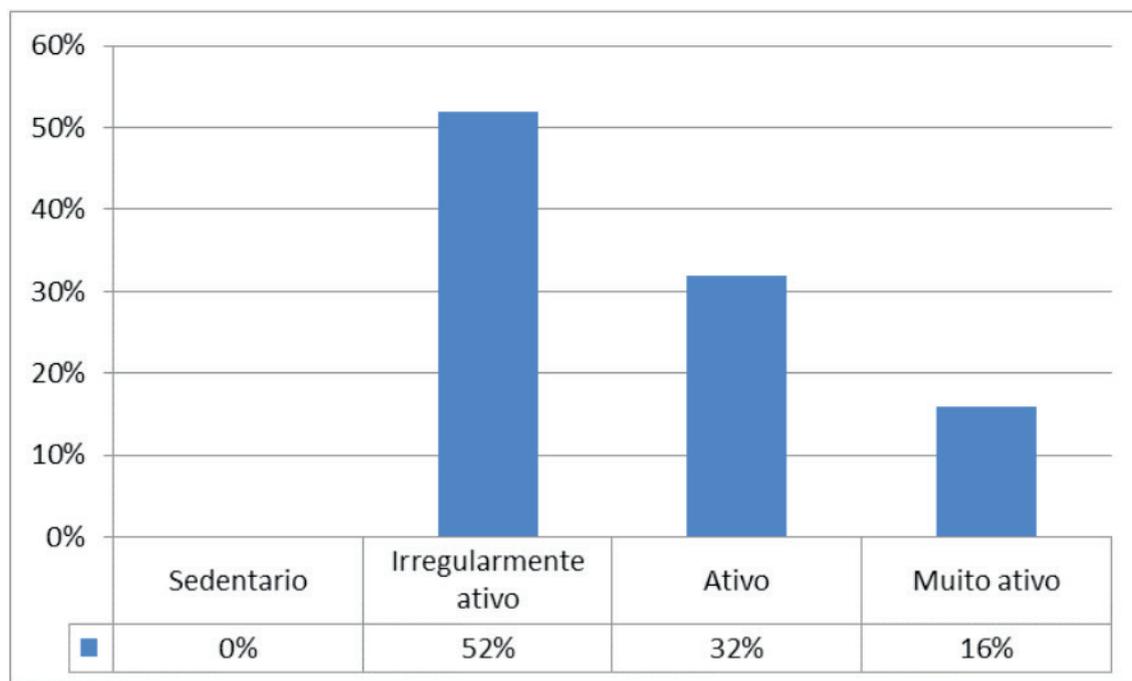


Gráfico 1 –Percentual de participantes segundo a classificação do nível de atividade física
% - percentual, Classif. – classificação

Fonte: Os autores (2019)

3.2 Resistência cardiorrespiratória e percentual de gordura

A tabela 1 apresenta a média e o desvio padrão das variáveis resistência e percentual de gordura. Notou-se que a média da distância percorrida pelas crianças

no teste de resistência foi de 835,12(±131,7) metros. Se a média fosse classificada seguindo o padrão feminino para o teste, classificar-se-ia como bom, no masculino seria considerado fraco.

A média do percentual de gordura foi de 17,59% (±7,23), cujo valor foi considerado adequado.

Variável	\bar{X} (n=25)	dp
Resistência(m)	835,12	±131,7
% Gordura	17,59	±7,23

Tabela 1 –Médias (\bar{X}) e desvios padrões (dp) das variáveis da aptidão física
 \bar{X} – média, dp – desvio padrão, %– percentual, n–número, m-metros

Fonte: Os autores (2019)

Observou-se que, como apresentado no gráfico 2, 28% dos participantes apresentaram nível fraco de resistência, 16% razoável, 16% bom, 28% muito bom e 12% excelente.

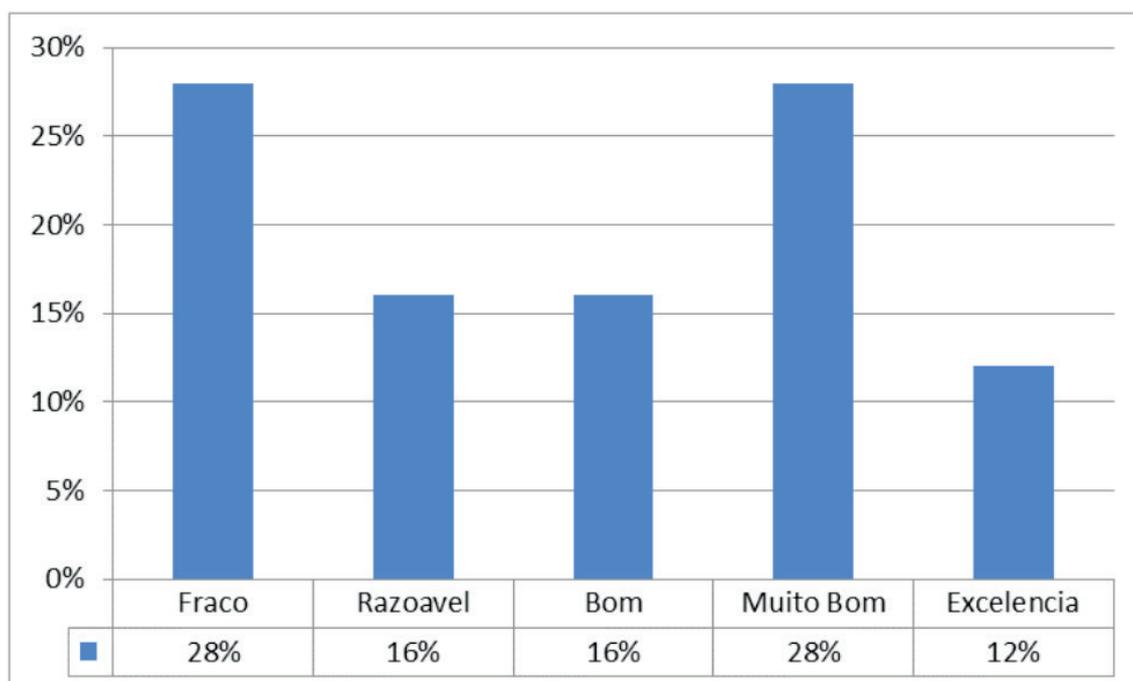


Gráfico 2 – Percentual de participantes segundo a classificação da resistência
 % - percentual, Classif. – classificação

Fonte:Os autores (2019)

3.3 Classificação do percentual de gordura

Observando o gráfico 3, nota-se que 20% das crianças participantes apresentaram percentual de gordura considerado baixo, 60% adequado, 12% moderadamente alto, 4% alto e 4% excessivamente alto.

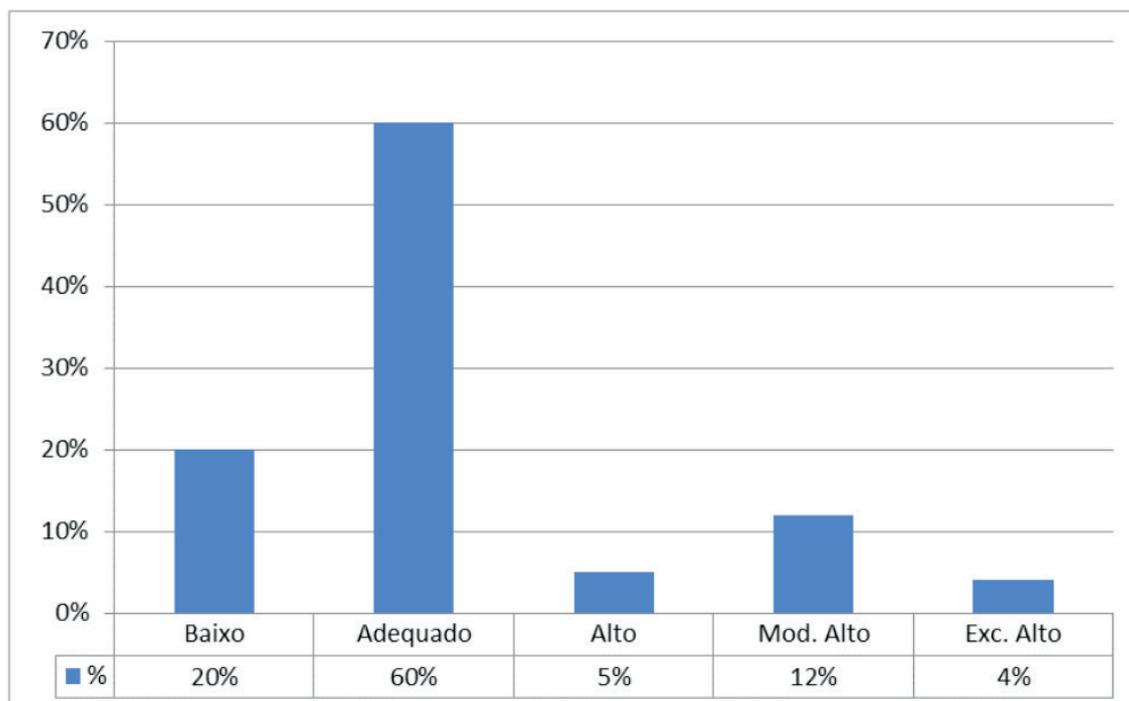


Gráfico 3 –Percentual de participantes segundo a classificação do nível de gordura
% - percentual, Classif. – classificação – Mod. alto – moderadamente alto – Exc. Alto – Excessivamente alto

Fonte: Os autores (2019)

3.4 Correlação entre percentual de gordura e resistência cardiorrespiratória

Como é possível observar na tabela 2, foi encontrada correlação ($p < 0,05$) negativa entre a resistência cardiorrespiratória e o percentual de gordura. O coeficiente de correlação ($R = -0,629$) mostrou que a força da correlação foi moderada.

Variáveis	R de Pearson	p valor
Resistência % gordura	-0,629	0,001*

Tabela 2 - Coeficiente de correlação entre percentual de gordura, força abdominal e flexibilidade
% = percentual, R - coeficiente de correlação, * - $p < 0,05$

Fonte: Os autores (2019)

4 | DISCUSSÃO

Os principais achados do presente estudo foram que: a maior parte das crianças avaliadas apresentaram-se majoritariamente irregularmente ativos; sendo os meninos mais ativos em relação às meninas. A média de resistência foi classificada entre fraca e boa, e o percentual de gordura como adequado. Já em outro estudo, a maioria das crianças tiveram a resistência classificada como fraca ou muito boa e o percentual de gordura como adequado (ROSE; SCHIVINSKI, 2014).

Apesar de observarmos a presença de crianças ativas e muito ativas entre os participantes, o que é comum para a idade já que as brincadeiras de movimento fazem parte do cotidiano das crianças, notou-se que a maioria apresentou nível de atividade físico irregular. A irregularidade na prática de atividade física pode ser derivada do tempo que as crianças têm destinado às atividades digitais, tais como: jogos em celulares, computadores, assistir TV etc.

Os dados revelam a necessidade de se resgatar as atividades de movimento na infância, buscando o equilíbrio com as atividades derivadas das novas tecnologias. Além disso, o nível de atividade física, depende de vários fatores: dos estímulos ambientais e culturais, aos quais as crianças são submetidas. Inclusive, o estudo de Testa Junior et al. (2019), verificou o nível de atividade física em crianças com 9 anos de idade; mostrou que as crianças de um bairro periférico de uma cidade do interior paulista são majoritariamente muito ativas, diferentemente dos resultados encontrados nesta pesquisa.

No estudo de Araújo Junior et al. (2006), que teve por objetivo avaliar o nível de atividade física em adolescentes por gênero, observou-se que não foi encontrado nenhum indivíduo sedentário igualmente apresentado ao presente estudo. Já o número de participantes classificados como muito ativos se mostrou muito maior no gênero masculino, enquanto os classificados como ativos ou pouco ativos foram maiores no gênero feminino. Já no presente estudo a irregularidade da prática de atividades físicas prevaleceu no gênero feminino e os ativos no masculino.

Como a maioria foi classificada como irregularmente ativa, ainda há prevalência aos riscos a saúde, ficando propenso a doenças crônicas degenerativas como diabetes, hipertensão, etc. As crianças precisam praticar atividades físicas que sejam regulares e precisas, para que tenham resultados positivos em relação a um estilo de vida mais saudável.

No teste que avaliou o percentual de gordura dos avaliados, apesar da maioria apresentar gordura corporal considerada adequada, foi constatado uma grande quantidade de crianças com percentual de gordura moderadamente alto, alto e muito alto.

Para Silva e Lacórdia (2016), uma infância ativa não é garantia de saúde na vida adulta, visto que são muitas as mudanças no processo de desenvolvimento de um indivíduo, mas que a prática de atividade física deve ser constante na vida de uma pessoa, uma vez que o sedentarismo é fator de risco para a saúde física e mental.

De acordo com Testa Junior et al. (2019), a prática regular de atividades físicas pode ser uma ferramenta importante para o desenvolvimento e melhora das capacidades neuromotoras, podendo contribuir para a adoção do estilo de vida fisicamente ativo.

Foi encontrada correlação moderada e negativa entre a resistência e o percentual de gordura. Então, de maneira moderada, pode-se dizer que quanto maior a resistência, menor será o percentual de gordura. Essa correlação revela a importância de se praticar atividades motoras na infância a fim de aumentar a aptidão física, reduzindo o percentual de gordura.

O mesmo ocorreu na pesquisa de Testa Junior et al. (2019), que encontrou correlações entre as variáveis da aptidão física. Isso é um indício de que uma cultura do brincar na infância pode favorecer a formação de adolescentes e adultos mais ativos fisicamente.

5 | CONCLUSÃO

No presente estudo, concluiu-se que a maior parte das crianças avaliadas foram classificadas como irregularmente ativas, sendo os meninos mais ativos. A média de resistência foi classificada entre fraca e boa e o percentual de gordura da maioria foi adequado. Além disso, de maneira moderada, quanto maior a resistência, menor o percentual de gordura.

O presente estudo revelou que a prática de atividades físicas, o percentual de gordura adequado e a boa resistência cardiorrespiratória em crianças, parecem aspectos naturais dessa fase de desenvolvimento. No entanto, há que se estimular a vida fisicamente ativa em crianças e adolescentes, pois a grande tendência é que, em um futuro não muito distante, a quantidade de pessoas sedentárias aumente drasticamente.

Com a tecnologia avançando cada dia mais, essas crianças e adolescentes tendem a ficar mais tempo em frente a um televisor ou mesmo em posse de um celular ou qualquer aparelho eletrônico, dificultando assim a prática de hábitos mais saudáveis, como o as atividades físicas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO JUNIOR, J. F. et al. Nível de atividade física de adolescentes da cidade de Jacareí, em relação à gênero, frequência e duração. **IX Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e V Encontro Latino Americano de Pós-Graduação** – Universidade do Vale do Paraíba, 2006.

CHARRO, M. A. et al. **Manual de Avaliação Física**. São Paulo: Phorte, 2010.

DO AMARANTE, A. A.; SIRINO, F.; MINUZZI, L. G. Índice de obesidade, sobrepeso e risco cardiovascular em escolares de 11 A 14 anos da cidade de Abelardo Luz (SC). **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, [S.l.], v. 10, n. 2, 2012.

MATSUDO, S. et al. Questionário internacional de atividade física (IPAQ): estudo de validade e reprodutibilidade no Brasil. **Rev. Bras. Ativ. Fís. Saúde**, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 05-18, 2001.

ROSE, G. J.; SCHIVINSKI, C. I. S. Nível de atividade física e funcional de crianças atletas. **Journal of Human Growth and Development**, 24(2), 127-134, 2014.

RONQUE, E. R. V. et al. Composição corporal em crianças de sete a 10 anos de idade, de alto nível socioeconômico. **Revista Brasileira Medicina Esporte**, v. 13, n. 6, p. 366-370, 2007.

SILVA, L. C.; LACORDIA, R. C. Atividade física na infância, seus benefícios e as implicações na vida adulta. **Revista eletrônica da Faculdade Metodista Granbery**. Juiz de Fora, n. 21, p.1 , jul-dez. 2016.

SOUZA, E. A. de et al. Atividade física e alimentação saudável em escolares brasileiros: revisão de programas de intervenção. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 27, p. 1459-1471. 2011.

TESTA JUNIOR, A. Prática de atividade física, percentual de gordura e capacidade neuromotoras em escolares. **Revista CPAQV**, v.11, n.1, p.3, 2019.

TESTA JUNIOR, A. Nível de Atividade física e percentual de gordura em escolares de 17 anos de idade. **Revista Corpo e Movimento, Catanduva**, v.8, n.1, p. 26-31, jan- dez. 2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Atividade física adaptada 47

Aulas de educação física 1, 22, 23, 25, 26, 30, 31, 32, 56, 89, 90, 91

B

Base nacional comum 2, 14, 81, 83, 84, 90

C

Crianças 29, 34, 35, 36, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 52, 53, 54, 66, 71, 75, 82, 83

E

Educação inclusiva 81, 82, 89, 90, 91

Esporte 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 16, 17, 19, 20, 21, 28, 32, 33, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 64, 65, 73, 75, 77, 79, 80

Esporte adaptado 47, 48, 49, 55

Esportes 1, 2, 3, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 20, 21, 25, 28, 31, 47, 52, 53, 56

F

Formação de professores 58, 72, 74, 77, 79, 81, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 102, 103

Formação inicial 81, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 94

H

História 16, 17, 18, 19, 21, 29, 61, 63, 64, 70, 72, 77, 79, 94, 98

I

Inclusão 4, 9, 14, 19, 32, 47, 48, 49, 54, 55, 56, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Influência 1, 3, 11, 19, 27, 66, 70, 72

N

Necessidades educacionais especiais 81, 82, 85, 91, 92

P

Percentual de gordura 34, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46

Plano nacional de educação 93, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 104, 105

R

Resistência cardiorrespiratória 34, 36, 37, 41, 43, 45

S

Saúde 5, 6, 9, 10, 25, 34, 35, 36, 44, 45, 46, 51, 60, 61, 63, 64, 65, 67, 68, 70, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 80

Simbologia 16, 18, 19

T

Takkyu volley 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56

 **Atena**
Editora

2 0 2 0